

**COMO NÃO TRADUZIR MARX<sup>12</sup>**

*Hyury Pinheiro*  
Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)

**Como não traduzir Marx**

De

Friedrich Engels

[Tradução Hyury Pinheiro]

O primeiro livro de “Das Kapital” é propriedade pública no que diz respeito à tradução para línguas estrangeiras. Portanto, ainda que seja bem conhecido nos círculos socialistas ingleses que uma tradução está sendo preparada e que será publicada sob a responsabilidade dos executores literários de Marx, ninguém teria o

---

<sup>1</sup> Traduzido por Hyury Pinheiro, doutorando vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia do IFCH/Unicamp, orientado pelo Prof. Dr. Jesus José Ranieri e financiado pela CAPES. O texto-base utilizado para essa tradução está publicado no volume 26 das *Marx-Engels Collected Works* (MECW), pp. 335-340. As siglas que irão caracterizar as notas de rodapé são as seguintes: NEI, para as notas da edição inglesa (MECW); NEA, para a nota da edição alemã (*Marx-Engels Werke*, ou MEW); e NT, para as notas do tradutor. As minhas adições estarão marcadas pelo uso de colchetes. Agradeço imensamente à Laura Sant’Anna Luedy Oliveira pela revisão cuidadosa da presente tradução e pelas significativas contribuições à sua realização. Agradeço ainda - e não em menor medida - à Patrícia Raquel de Freitas pela leitura atenta do texto final em português e por suas sugestões, que conferiram maior fluidez e correção à redação final.

<sup>2</sup> NEI: Nesse artigo, Engels faz uma análise crítica da tradução inglesa da seção primeira e de parte da seção segunda do capítulo 1 do livro I de *O Capital* de Marx (veja a presente edição [MECW], vol. 35), impressa na revista *To-day*, vol. 4, nº 22, de outubro de 1885, pp. 429-436. A tradução foi obra de Henry Hyndman, líder da Federação Social-Democrata, que escreveu sob o pseudônimo de John Broadhouse. Após o aparecimento do artigo de Engels, Hyndman continuou a publicar sua tradução; no total, sete capítulos e a maior parte do oitavo capítulo do livro I foi impresso na *To-day* até maio de 1889. A tradução inglesa completa do livro I de *O Capital*, feita por Samuel Moore e editada por Engels, apareceu em 1887. NT: Com exceção dessa última frase, a nota correspondente presente na MEW reproduz fielmente a da MECW. No lugar dessa última frase, a nota alemã afirma que as citações de *O Capital* feitas por Engels não correspondem completamente à tradução inglesa de 1887, bem como explica a opção por utilizar a edição alemã da obra de Marx nos momentos em que essas citações aparecem. NEA: *To-day* – revista mensal de orientação socialista; foi publicada entre abril de 1883 e junho de 1889 em Londres; de julho de 1884 a 1886, Henry Mayers Hyndman foi redator dessa revista.

direito de resmungar caso aquela tradução fosse antecipada por outra, desde que o texto fosse vertido fielmente e de maneira igualmente boa.

As poucas primeiras páginas de uma tal tradução, feita por John Broadhouse, estão publicadas no número de outubro da *To-Day*. Eu digo explicitamente que ela está muito longe de ser uma versão fiel do texto, e isso porque o sr. Broadhouse é deficiente em toda qualidade requerida de um tradutor de Marx.

Para traduzir um tal livro não basta um conhecimento razoável do alemão literário. Marx usa livremente expressões da vida cotidiana e formas de dialetos provinciais; ele cunha novas palavras, toma suas ilustrações de todo ramo da ciência e suas alusões, da literatura de uma dúzia de línguas; para entendê-lo, um homem deve ser, de fato, um mestre do alemão, tanto do falado quanto do escrito, e deve saber também algo da vida alemã.

À guisa de ilustração. Quando alguns graduandos de Oxford remaram em um barco de quatro remos através do estreito de Dover, foi noticiado na imprensa que um deles “pegou um caranguejo”. O correspondente da *Gazeta de Colônia*<sup>3</sup> tomou isso de modo literal e reportou fielmente a seu jornal que “um caranguejo ficou preso ao remo de um dos remadores”.<sup>4</sup> Se um homem que tem vivido por anos no coração de Londres é capaz de um disparate tão ridículo logo que se depara com termos técnicos de uma arte desconhecida por ele, o que nós devemos esperar de um homem que, com um conhecimento aceitável do mero alemão livresco, se compromete a traduzir o mais intraduzível dos escritores da prosa alemã? E, de fato, nós veremos que o Sr. Broadhouse é excelente em “pegar caranguejos.”

No entanto, há algo mais que é requerido. Marx é um dos escritores mais vigorosos e concisos dessa época. Para vertê-lo adequadamente, um homem deve ser um mestre não apenas do alemão, mas também do inglês. O Sr. Broadhouse, no entanto, ainda que seja evidentemente um homem de respeitáveis êxitos jornalísticos, não domina mais do que

---

<sup>3</sup> NEI: Kölnische Zeitung.

<sup>4</sup> NT: Segundo o *Guia de Remo – Manual para Iniciantes* (p. 42), “crab” é um termo específico do remo e denota a situação “quando o remo fica preso na água no momento da Ida à Proa e o punho do remo atinge o remador. Muitas vezes provoca a liberação não intencional da pá e desaceleração da velocidade do barco”. Em português, o termo é conhecido pelos verbos “afogar”, “enterrar” ou “enforçar”. Agradeço à Laura Sant’Anna Luedy Oliveira, revisora desta tradução, a indicação do material. Disponível em: <<https://www.remobrasil.com/attachments/article/843/GuiaRemo-Iniciantes.pdf>> Acesso em 11 dez. 2018.

aquele leque limitado do inglês usado pela e para a respeitabilidade literária convencional. Aqui ele se move com facilidade; mas essa variedade do inglês jamais será uma linguagem para a qual “Das Kapital” pode ser traduzido. Um alemão poderoso requer um inglês poderoso para o verter; os melhores recursos da linguagem têm que ser utilizados; termos alemães recém-cunhados requerem a cunhagem de novos termos correspondentes em inglês. Mas tão logo o Sr. Broadhouse é confrontado por tal dificuldade, não apenas seus recursos lhe falham, mas também sua coragem. A mais pífia extensão de seus limitados expedientes<sup>5</sup>, a mais pífia inovação sobre o inglês convencional da literatura cotidiana o amedronta, e antes de arriscar uma tal heresia, ele verte a difícil palavra alemã para um termo mais ou menos indefinido que não irrita seu ouvido, mas obscurece o sentido do autor; ou, ainda pior, ele a traduz, na medida em que ela volta a ocorrer, por toda uma série de termos diferentes, esquecendo que um termo técnico tem que ser vertido sempre para um e o mesmo equivalente. Assim, já no título da primeira seção, ele traduz *Werthgrösse* por “extensão do valor”<sup>6</sup>, ignorando que *grösse* é um termo matemático definido, equivalente de magnitude, ou quantidade determinada, enquanto extensão pode significar muitas coisas além disso. Assim, mesmo a simples inovação do “tempo-de-trabalho”<sup>7</sup> para *Arbeitszeit* é muito para ele; ele o verte para (1) “trabalho-de-tempo”<sup>8</sup>, que significa – caso signifique algo – trabalho pago pelo tempo ou trabalho feito por um homem a “servir” o *tempo* durante o *trabalho* pesado; (2) “tempo de trabalho”<sup>9</sup>, (3) “tempo-de-trabalho”, e (4) “período de trabalho” (*Arbeitsperiode*), termo por meio do qual Marx, no segundo livro, quer dizer algo muito diferente<sup>10</sup>. Agora, como bem se sabe, a “categoria” de tempo-de-trabalho é uma das mais fundamentais de toda a obra e traduzi-la por quatro termos diferentes em menos de dez páginas é mais que imperdoável.

Marx começa com a análise daquilo que é uma mercadoria. O primeiro aspecto sob o qual uma mercadoria apresenta a si mesma é aquele de um objeto de utilidade; como tal, ele pode ser considerado no que diz respeito tanto à sua qualidade quanto à sua quantidade. “Qualquer coisa assim é, ela mesma, um todo, a soma de muitas qualidades ou propriedades, e pode, portanto, ser útil de diferentes maneiras. Descobrir essas

<sup>5</sup> NT: No original: “stock-in-trade”.

<sup>6</sup> NT: No original: “extent of value”.

<sup>7</sup> NT: No original: “labour-time”.

<sup>8</sup> NT: No original: “time-labour”.

<sup>9</sup> NT: No original: “time of labour”.

<sup>10</sup> NEI: Engels se refere a *O Capital*, livro II, capítulo XII (ver a presente edição [MECW], volume 36).

diferentes maneiras e, portanto, os vários usos para os quais uma coisa pode ser disposta, é *ato da história*. Assim também é o encontrar e o fixar dos *padrões socialmente reconhecidos de medida* para a quantidade das coisas úteis. A diversidade dos modos de medir mercadorias surge, em parte, da diversidade da natureza dos objetos a serem medidos e, em parte, da convenção”<sup>11</sup>.

Isso é vertido pelo Sr. Broadhouse como segue: “Descobrir essas maneiras variadas e, conseqüentemente, os modos multifários nos quais um objeto pode ser de uso, é *um trabalho do tempo*”<sup>12</sup>. Assim também é, *conseqüentemente*, o encontrar da *medida social* para a quantidade de coisas úteis. A diversidade na *massa* de mercadorias surge, em parte, da natureza diferente,” etc.

Com Marx, a descoberta das várias utilidades das coisas constitui uma parte essencial do progresso histórico; com o Sr. Broadhouse, ela é meramente um trabalho do tempo. Com Marx, a mesma qualificação se aplica ao estabelecimento dos reconhecidos padrões comuns de medida. Com o Sr. B., outro “trabalho do tempo” consiste no “encontrar da medida social para a quantidade de coisas úteis”, uma sorte de medida com a qual Marx certamente nunca se incomodou. E, assim, ele acaba por confundir *Masse* (*medidas*) e *Masse* (*massa*) e, desse modo, encarregar Marx de um dos melhores caranguejos que já foi pego.

Mais adiante, Marx diz: “Valores de uso formam o material a partir do qual a riqueza é feita, *qualquer que seja a forma social daquela riqueza*” (a forma específica de apropriação pela qual ela é retida e distribuída). O Sr. Broadhouse tem: “Valores de uso constituem a verdadeira base da riqueza *que é, sempre, a forma social deles*” – o que ou é um pretensioso lugar-comum ou é puro absurdo.

O segundo aspecto sob o qual uma mercadoria apresenta a si mesma, é o seu valor-de-troca. O fato de que todas as mercadorias são trocáveis umas pelas outras, de que elas têm valores-de-troca, implica em que elas contêm algo que é comum a todas elas. Eu não dou atenção à maneira desleixada com a qual o Sr. Broadhouse reproduz, aqui, uma das mais delicadas análises presentes na obra de Marx e prossigo, logo, à passagem onde Marx diz: “Esse algo comum a todas as mercadorias não pode ser uma propriedade

<sup>11</sup> NEI: Aqui e abaixo, os itálicos são de Engels.

<sup>12</sup> NT: No original: “work of time”.

geométrica, física, química ou qualquer outra natural. De fato, as suas propriedades materiais são consideradas apenas na medida em que elas as fazem úteis, isto é, na medida em que elas as tornam valores-de-uso.” E ele continua: “Mas é o ato *de fazer abstração de seus valores-de-uso, ele mesmo*, que, *evidentemente*, é o ponto característico da *relação-de-troca*<sup>13</sup> das mercadorias. *Dentro dessa relação*, um valor-de-uso é equivalente a qualquer outro, desde que ele seja fornecido em proporção *suficiente*”.

Agora, o Sr. Broadhouse: “Mas, por outro lado, são precisamente *esses valores-de-Uso no abstrato* que *aparentemente* caracterizam a *proporção-de-troca*<sup>14</sup> das mercadorias. *Em si mesmo*, um valor-de-Uso vale tanto quanto um outro se ele existe na *mesma proporção*”.

Assim, deixando de lado enganos menores, o Sr. Broadhouse faz Marx dizer o reverso mesmo do que ele diz. Com Marx, a característica da relação-de-troca das mercadorias é o fato de que é feita a total abstração de seus valores-de-uso, de que elas são consideradas como não tendo quaisquer valores-de-uso. Seu intérprete o faz dizer que a característica da *proporção da troca* (do que não há dúvida aqui) é precisamente seu valor-de-uso tomado tão somente “no abstrato”! E então, poucas linhas adiante, ele dá a sentença de Marx: “Como valores-de-Uso, as mercadorias só podem ser de diferente qualidade, como valores-de-troca, elas só podem ser de diferente quantidade, *não contendo nem um átomo de valor-de-Uso*,” nem abstrato, nem concreto. Nós bem podemos perguntar: “Compreendes o que lês?”<sup>15</sup>.

Torna-se impossível responder a essa questão na afirmativa quando encontramos o Sr. Broadhouse repetindo o mesmo equívoco de novo e de novo. Após a sentença há pouco citada, Marx continua: “Agora, se *deixamos fora de consideração*” (isto é, fizemos abstração de) “os valores-de-uso das mercadorias, resta ali *a elas* nada além de uma propriedade: aquela de ser os produtos do trabalho. Mas mesmo esse produto do trabalho já sofreu uma mudança em nossas mãos. Se nós fazemos abstração *do seu valor-de-uso*, nós também fazemos abstração *dos componentes corpóreos* e formas que *fazem dele* um valor-de-uso.”

<sup>13</sup> NT: No original: “exchange-relation”.

<sup>14</sup> NT: No original: “exchange-ratio”

<sup>15</sup> NEI: *Atos dos Apóstolos*, capítulo 8, versículo 30.

Isso é inglesificado pelo Sr. Broadhouse como segue: “Se nós *separamos* os valores-de-Uso *do* verdadeiro material das mercadorias, resta ali” (onde? junto ao valor-de-uso ou junto ao verdadeiro material?) “apenas uma propriedade, aquela do produto do trabalho. Mas o produto do trabalho já é transmutado em nossas mãos. Se nós abstraímos *do seu valor-de-uso*, nós *abstraímos também a resiliência e a forma que constituem seu valor-de-uso*.”

De novo, Marx: “Na *relação-de-troca* das mercadorias, seu valor-de-troca apresentou a si mesmo para nós como algo perfeitamente independente de seus valores-de-uso. Agora, se nós verdadeiramente fazemos abstração *do valor-de-uso* dos produtos do trabalho, nós chegamos ao seu valor, tal como *previamente* determinado por nós.” O Sr. Broadhouse faz isso soar como segue: “Na *proporção-de-troca* das mercadorias, seu valor-de-troca aparece para nós como algo inteiramente independente de seu valor-de-uso. Se nós agora, com efeito, abstraímos *o valor-de-uso dos produtos-de-trabalho*, nós temos seu valor tal como ele é *então* determinado.”

Não há dúvida disso. O Sr. Broadhouse nunca ouviu sobre quaisquer outros atos e modos de abstração, senão os corpóreos, tal como a abstração de dinheiro de um caixa ou de um cofre. Contudo, identificar abstração e subtração jamais servirá a um tradutor de Marx.

Outro espécime do converter o sentido alemão no nonsense inglês. Uma das mais finas pesquisas de Marx é a que revela o duplo caráter do trabalho. Trabalho, considerado com produtor de valor-de-uso, é de um caráter diferente, tem qualificações diferentes em relação ao mesmo trabalho, quando considerado como um produtor de valor. Um é trabalho de uma espécie específica, como fiar, tecer, arar, etc.; o outro é o caráter geral da atividade produtiva humana, comum a fiar, tecer, arar, etc., que as compreende todas sob o termo comum, trabalho. Um é trabalho no concreto, o outro é trabalho no abstrato. Um é trabalho técnico, o outro é trabalho econômico. Em suma, dado que a língua inglesa *tem* termos para ambos, um é *work*, distinto de *labour*; o outro é *labour*, distinto de *work*<sup>16</sup>. Após essa análise, Marx continua: “Originalmente, uma mercadoria apresenta a si mesma para nós como algo duplo: valor-de-Uso e valor-de-Troca. Mais adiante, nós vimos que o trabalho também, na medida em que é expresso em valor, *não mais possui as mesmas*

---

<sup>16</sup> NT: Até o momento dessa distinção, o termo utilizado é invariavelmente “labour”, com exceção de “trabalho do tempo” (work of time), que foi indicado na nota 12.

*características* que pertencem a ele em sua capacidade como criador de valor-de-uso”. O Sr. Broadhouse insiste em provar que não compreendeu uma palavra da análise de Marx, e traduz a passagem acima como segue: “Nós vimos a mercadoria, de início, como um *composto* de valor-de-Uso e valor-de-Troca. Em seguida, nós vimos que o trabalho, na medida em que é expresso em valor, *apenas possui aquele caráter na medida em que é* um gerador de valor-de-uso.”

Quando Marx diz “Branco”, o Sr. Broadhouse não vê razão alguma pela qual ele não deveria traduzir isso por “Preto”.

Mas basta disso. Voltemo-nos para algo mais divertido. Marx diz: “Na sociedade civil, prevalece a *fictio juris* de que todo mundo, em sua capacidade como um comprador de mercadorias, possui um conhecimento enciclopédico de todas tais mercadorias”<sup>17</sup>. Agora, apesar da expressão “Sociedade Civil” ser rigorosamente inglesa, e de a “History of Civil Society” de Ferguson ter mais que cem anos de idade, esse termo é demais para o Sr. Broadhouse. Ele o verte para “entre o povo ordinário”, e assim torna a sentença um absurdo. Porque é exatamente o “povo ordinário” que está constantemente resmungando por ser trapaceado pelos varejistas, etc., em consequência da sua ignorância da natureza e valores das mercadorias que ele tem de comprar.

A *produção (Herstellung)* de um valor-de-Uso é vertida para “o *estabelecer* de um valor-de-Uso”. Quando Marx diz: “Se tivermos êxito em transformar, com pouco trabalho, *carvão* em diamantes, seu valor pode cair abaixo do de tijolos,” o Sr. Broadhouse, aparentemente não ciente de que o diamante é uma forma alotrópica do carbono, transforma *carvão* em *coque*<sup>18</sup>. Similarmente, ele transmuta o “rendimento total das minas de diamante brasileiras” em “os *lucros completos* de todo o rendimento”. “As comunidades primitivas da Índia” se tornam, em suas mãos, “comunidades *veneráveis*”. Marx diz: “No valor-de-uso de uma mercadoria está contida” (*steckt*, o que deve ser melhor traduzido por: Para a produção de valor-de-uso de uma mercadoria foi

<sup>17</sup> NEI: Veja a presente edição [MECW], vol. 35 (capítulo 1). Aqui, Engels traduz a expressão “in der bürgerlichen Gesellschaft” como “na sociedade civil”; na edição autorizada francesa de 1872-75 e na inglesa de 1887 editada por Engels, essa expressão é traduzida de modo diferente: “na sociedade burguesa”.

<sup>18</sup> NT: Segundo o site da *Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais*, “o coque é um material obtido por aquecimento da hulha [ou carvão betuminoso] em ambiente fechado, sem combustão, resultando numa substância altamente porosa, leve, física e quimicamente heterogênea, de brilho metálico característico, usada como combustível na metalurgia (altos fornos). Sua qualidade depende muito da qualidade do carvão que o originou”. Disponível em: <<http://www.cprm.gov.br/publique/Redes-Institucionais/Rede-de-Bibliotecas---Rede-Ametista/Canal-Escola/Carvao-Mineral-2558.html>> Acesso em: 11 dez. 2018.



despendida) “uma *certa atividade produtiva* adaptada ao propósito peculiar, ou um certo trabalho útil”. O Sr. Broadhouse deve dizer: “No valor-de-uso de uma mercadoria está contida uma certa *quantidade de poder produtivo* ou trabalho útil”, transformando, assim, não apenas qualidade em quantidade, mas atividade produtiva que foi despendida em poder produtivo que deve ser despendido.

Mas basta. Eu poderia dar dez vezes mais desses casos para mostrar que o Sr. Broadhouse *não* é, em todos os aspectos, um homem apto e adequado para traduzir Marx, e é assim especialmente porque ele parece perfeitamente ignorante acerca do que seja uma obra científica realmente conscienciosa\*.

*Frederick Engels*

Reproduzido da revista  
Escrito em outubro de 1885

Publicado pela primeira vez em *The Commonwealth*, nº 10, de novembro de 1885.

\*Do que foi acima exposto, ficará evidente que “Das Kapital” não é uma obra cuja tradução pode ser feita por contrato. A tarefa de a traduzir está em excelentes mãos, mas os tradutores<sup>19</sup> não podem dedicar todo seu tempo a ela. Essa é a razão do atraso. Mas, se o prazo preciso para a publicação ainda não pode ser fixado, nós podemos dizer seguramente que a edição inglesa estará nas mãos do público no decorrer do próximo ano.

---

<sup>19</sup> NEI: E. Aveling e S. Moore.